

CULTURA E ORGANIZAÇÕES: A ATIVIDADE DE TRABALHO EM EDITORIAIS DE JORNAL DE EMPRESA

CULTURE AND ORGANIZATIONS: THE WORK ACTIVITY IN EDITORIALS FROM ENTERPRISE NEWSPAPERS

*Gislene Haubrich*¹
*Ernani Cesar de Freitas*²

RESUMO: O trabalho ordena as sociedades perante a ação humana. Com base nesse pressuposto, o artigo tem como objetivo analisar a imbricação da cultura à cultura organizacional mediante o ato de linguagem manifesto em editoriais de jornal da empresa *Hera*. A partir da noção de cultura na contemporaneidade, com enfoque ao mundo do trabalho (HALL, 2003; ANTUNES, 2009), busca-se estabelecer um diálogo com o entendimento da cultura organizacional perante os saberes (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), os elementos ideológicos (MORGAN, 2011) e os mecanismos de conduta (GEERTZ, 2008). A análise, denominada teórico-ergo-discursiva, está ancorada na teoria semiolinguística (CHARAUDEAU, 2010, 2012). A evidência principal do estudo está na urgência das relações sociais no trabalho, visto que mesmo diante da força dos processos simbólicos que transformam a relação sujeito-atividade, ainda é preponderante a intencionalidade objetiva, prescritiva e mercantilizada da cultura. Nesse sentido, repensar as práticas organizacionais manifestas pelo discurso, no vínculo linguagem e trabalho, implica atribuir à cultura e à atividade laboral a dimensão simbólica que os institui.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Cultura Organizacional. Editoriais. Discurso. Trabalho.

ABSTRACT: Labor arranges societies upon the human action. Based on this assumption, the article aims to analyze the interconnection of culture and the organizational culture by the language act presented in editorials of the company's newspaper *Hera*. From the notion of culture in contemporaneity, focused on the labor's world (HALL, 2003; ANTUNES, 2009), we seek to provide a dialogue with the notion of organizational culture faced with knowledge (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), the ideological elements (MORGAN, 2011) and behavior's mechanisms (GEERTZ, 2008). The analysis, named theoretical-ergo-discursive, is grounded in the semiolinguistic theory (CHARAUDEAU, 2010, 2012). The main evidence of the study lays

¹ Universidade FEEVALE

² Universidade FEEVALE

on the urgency of the social relationships in the workplace, since that even in front of the power of the symbolic processes that transformed the relation between the subject and the laborious activity, it is still prevalent the objective, prescriptive and the mercantile intencionality of culture. In this sense, rethinking the organizational practices expressed in discourse, in the link between language and labor, implies assigning to culture and to the laborious activity the symbolic dimension that constitute themselves.

KEY-WORDS: Culture. Organizational Culture. Editorials. Discourse. Work.

CULTURA E ORGANIZAÇÕES: A ATIVIDADE DE TRABALHO EM EDITORIAIS DE JORNAL DE EMPRESA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diversas têm sido as mutações no mundo do trabalho. Seja pela pluralidade da classe trabalhadora ou pela multiplicidade de fazeres que emergem das diversas relações estabelecidas entre os sujeitos. O trabalho ordena as sociedades perante a ação humana. Essa característica conduz ao entendimento de que tal qual uma obra literária, espetáculo teatral ou produção cinematográfica, refere-se a uma manifestação cultural. Para além de uma “ferramenta” a favor do sistema de produção e consumo, atua na construção de identidades, relações e sociedade. Sob essa perspectiva, percebe-se que as organizações mobilizam sentidos e assumem uma dimensão simbólica na construção das situações e contextos que as envolvem. Estabelece-se, assim, um novo horizonte para sujeitos e organizações. Ambos, por meio do trabalho, podem implicar os processos que (re)constróem permanentemente a cultura. Nesse sentido, o artigo propõe uma reflexão acerca da inter-relação estabelecida entre a cultura que transita para além dos limites espaciais do ambiente laboral e as práticas nele produzidas.

Com base nisso, estabelece-se a questão norteadora deste estudo: como se pode perceber a imbricação das manifestações da cultura à cultura organizacional mediante o ato de linguagem em editoriais de jornal de empresa? A investigação se pauta pelo olhar da atividade para compreender tal questionamento e implica a definição de categorias interdisciplinares para análise. A opção pela noção de trabalho para observar a cultura e as organizações exige o rompimento com três perspectivas prescritivas, ou seja, determinadas por uma normatividade: 1) o trabalho como execução de tarefas; 2) a fixidez (em geral) atribuída a cultura; e 3) as organizações como sistemas de produção. Essas concepções não são negligenciadas, mas se esvaziam pela objetividade que as fundamenta. Desse modo, o trabalho passa a ser visto como atividade na qual o trabalhador investe saberes e faz uma gestão de si. Tal gestão está embasada na capacidade de comunicação do sujeito e na sua produção discursiva, o que passa a sustentar a cultura como processo produzido nas interações cotidianas e as organizações passam a ser estudadas como discursos. Assume-se, então, a esfera simbólica que está imbuída nesses três elementos.

A escolha por editoriais de jornal de empresa converge a estas especificidades da pesquisa. A materialidade verbal e finalidade do gênero discursivo qualificam os editoriais como profícuos para a identificação de elementos que contribuam à construção de sentidos em relação às temáticas neles abordadas. Por meio desse texto, o sujeito comunicante (jornal/organização) expõe estratégias para envolver o público leitor, a fim de persuadi-lo e conduzi-lo às ações consideradas adequadas. Em geral, essa construção discursiva também limita a participação do sujeito interpretante, sem interesse em uma inter-relação, que implicaria reconhecer percepções e significados construídos com base nos enunciados verbalizados. Nesse caso, o artigo procura evidenciar aspectos que precisam ser revistos pelas organizações no uso desse tipo de ferramenta de comunicação dirigida, em função do estabelecimento de um processo dialógico de comunicação, mais conectado com a realidade construída perante as escolhas dos trabalhadores na atividade.

A pesquisa tem natureza aplicada, é descritiva quanto ao seu objetivo e tem abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos compreende o estudo de caso e a documentação indireta, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. O *corpus* é composto por oito editoriais publicados nos jornais da empresa *Hera*, no período de janeiro de 2012 a junho de 2014. O esquema de análise é denominado teórico-ergo-discursivo e fundamenta-se na teoria semiolinguística de Charaudeau (2010, 2012). A fim de atender às expectativas apresentadas, estrutura-se o artigo em três partes, além das considerações iniciais e finais. Parte-se da articulação entre as categorias teóricas, ergológicas e discursivas para a construção da lente analítica. Ne sequência, aborda-se a construção do aparato metodológico e por fim os apontamentos emergentes da análise do *corpus*.

1 CULTURA, ERGOLOGIA E DISCURSO: CATEGORIAS TEÓRICO-ANALÍTICAS EM ARTICULAÇÃO

Globalização tem sido uma das noções mais estudadas na última década. Entre defesas e ataques, opta-se por perceber seus efeitos na vida cotidiana. A cultura passa, então, a ser uma das principais implicadas por esse processo. Hall (2003, p. 36) tece uma breve reflexão: “como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias afrouxam os laços entre cultura e lugar”. Nesse mesmo sentido, Ortiz (1998) faz ponderações perante um paralelo entre a dinâmica financeira (globalização) e as trocas simbólicas daí resultantes (mundialização). Decorrente da conversão entre tradição (local) e difusão (global) são estabelecidos padrões que orientam, mas que também resultam das interações humanas (ORTIZ, 1998). Desse modo, da relação EU-OUTRO emergem significados, permanentemente reconstruídos, que determinam como se dão as práticas sociais que instituem o cotidiano.

Esse contexto se relaciona com a digressão de Sennett (2009), embasada na noção de trabalho. Flexibilidade e curto prazo são as duas principais características do que esse autor chama de “capitalismo moderno”. A versatilidade que insere e retira profissões e profissionais da conjuntura social representa um problema na visão de Sennett (2009), pois não há tempo para o desenvolvimento dos sujeitos e a construção linear de uma história de vida. As conquistas têm de ocorrer simultaneamente ao investimento das ações; de outro modo, representam fracassos. Nesse sentido, o processo de sujeição humana é amplamente transformado na globalização, o que resulta no esvaziamento das experiências e na fragmentação dos laços culturais. Antunes (2009) menciona que essas circunstâncias produzem uma heterogeneidade da classe trabalhadora, logo, ao estudar o trabalho, deve-se dar amplitude ao ser social que trabalha, considerando desde as diferenças dos gêneros,

classes, cores até os modos e propósitos do fazer. Em concordância com Sennett (2009), Antunes (2009) refere a transformação dos vínculos sociais entre pessoas para uma relação entre manifestações diferentes de capital.

Com base nesses aspectos culturais, aceita-se que uma perspectiva puramente econômica do trabalho não atende às expectativas dos sujeitos ou permite uma transformação das relações sociais. Defende-se a noção de atividade de trabalho, ou seja, o uso que o sujeito faz de si em função do que é proposto coletivamente, expresso na cultura e atualizado no cotidiano. Conforme a perspectiva ergológica, o trabalho decorre de uma gestão que o trabalhador faz de si. Ele recebe normas e prescrições a serem aplicadas em situação real e investe saberes nas escolhas que faz para realizá-las, produzindo renormalizações. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Desse modo, a atividade laboral é uma manifestação da síntese produzida pelo sujeito perante os saberes constituídos, determinados pela normatização, e investidos, assentados nas experiências. O trabalhador passa a ser autor e não reprodutor e pode transformar a realidade que o cerca perante suas escolhas. Aceita-se que o diálogo dos saberes, somente realizado pelos sujeitos, embasam a cultura no contexto das organizações e a partir daí evidenciam as imbricações das práticas sociais às organizacionais.

Compreende-se, assim, a cultura organizacional com base no trabalho, o que permite a aproximação com a proposta de Geertz (2008, p.4) acerca das “teias de significados que ele [homem] mesmo teceu”. Para esse autor, a cultura é condição básica à existência humana e se caracteriza como conjunto de mecanismos para o controle da conduta, por meio de um sistema simbólico, que engloba elementos e princípios ideológicos. Vincula-se a proposta de Morgan (2011), que utiliza metáforas para entender as organizações. Dentre as demais³, destaca-se, para este estudo, a cultura como *Sistema Político*, que congrega a negociação de significados, a partir de três ideologias: 1) *Unicista*, defende uma cultura de coesão, ílesa de conflitos, visto que as decisões da organização são tomadas com base em três palavras-chave: autoridade, liderança e controle; 2) *Pluralista*: a ênfase está na aceitação da diversidade e na ciência de que os trabalhadores negociam a todo tempo interesses pessoais e coletivos; 3) *Radical*: dada a oposição de interesses entre os sujeitos, o entendimento é inviabilizado, implicando frequentemente a mediação de entidades de classe na relação trabalhador e empresa.

As concepções adotadas às noções de cultura, cultura organizacional e trabalho evidenciam o discurso como fonte para compreender as práticas contemporâneas. No enfoque aqui pretendido, assume-se a contribuição da teoria Semiolinguística de Charaudeau (2010, 2012) para tal reflexão. A base da proposta está na opacidade do ato de linguagem estabelecido entre seres sociais, os sujeitos comunicante (EUc) e interpretante (TUd), e os seres de fala, os sujeitos enunciador (EUe) e destinatário (TUd). Devido às limitações de espaço, apresenta-se sumariamente as categorias dessa perspectiva discursiva. A interação entre os sujeitos decorre de um acontecimento, permeado por circunstâncias, que enquadram uma situação de comunicação. Um contrato orienta a troca comunicacional-discursiva, e pressupõe que antes da verbalização do discurso em situação, os seres de fala (EUe e TUd) são acionados para a produção dos enunciados. Essa produção implica aspectos identitários dos interlocutores, finalidades, propósitos e a escolha do dispositivo (componentes do contrato de comunicação) que estabelecem a relação. Da breve exposição dos conceitos conduzidos nesse artigo, parte-se às ponderações aplicadas ao *corpus* selecionado.

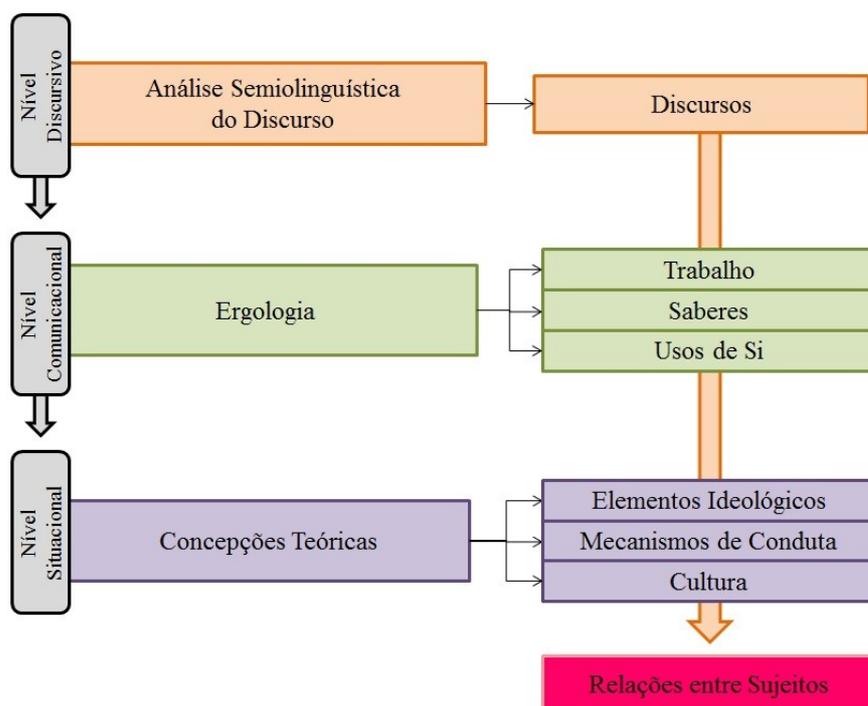
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

³ A proposta de Morgan em *Imagens da Organização* (2011) contempla oito diferentes metáforas.

Das conjecturas teórico-analíticas articuladas, apresenta-se os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. A pesquisa tem natureza aplicada, é descritiva e tem abordagem qualitativa à questão norteadora. Desenvolve-se diante das pesquisas bibliográfica e documental, admitindo dados de primeira e segunda mão. O estudo de caso é o método que fundamenta a construção metodológica, por meio das triangulações entre concepções que motivam a denominação da análise: teórico-ergo-discursiva, além do delineamento das fases do estudo: 1) definição das categorias temáticas; 2) delimitação da amostra e coleta de dados; 3) organização e análise dos dados. O *corpus* é composto por oito editoriais publicados em sete edições do jornal da empresa *Hera*, no período de janeiro de 2012 a junho de 2014. A delimitação tem relação com o propósito do gênero discursivo *editorial* que visa apresentar o ponto de vista daquele que enuncia e, nesse sentido, pode-se avaliar aspectos culturais.

Os enunciados dos discursos em análise foram organizados com base na técnica Mapa de Associação de Ideias (SPINK, 2010). Em um primeiro momento, foram criados mapas individuais, por editorial, perante o entrecruzamento das categorias temáticas. Todos os enunciados, em estado bruto, foram posicionados em tabelas, o que permitiu a primeira fase da interpretação dos dados. Em um segundo momento os enunciados foram analisados no conjunto de sua categoria para que, por fim, se estabelecesse uma síntese. A direção da análise é expressa na Figura 1.

Figura 1 – Dispositivo de Análise Teórico-Ergo-Discursivo



Fonte: elaborado pelos autores

A Figura 1 representa o processo analítico da pesquisa. Assentado nos níveis do modelo Semi-linguístico de análise do discurso, de Charaudeau (2010, 2012), define-se como ponto de partida o nível discursivo, que perpassa os demais por implicar a ação dos seres de fala (EUE e TUD). Com esse, dialogam os outros dois níveis: o comunicacional, perante a concepção do trabalho como atividade, e o situacional que se refere ao enquadramento da realidade onde convergem os dados. A interface entre os três níveis produz uma síntese de

possíveis interpretativos e implica sentidos que fundamentam a resposta às expectativas postas. Dito de outro modo, de acordo com a situação de comunicação, as circunstâncias de discurso e os elementos que compõem o contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2010, 2012), é evidenciada a imbricação da cultura (HALL, 2003; ANTUNES, 2009) à cultura organizacional, através de elementos ideológicos (MORGAN, 2011), mecanismos de conduta (GEERTZ, 2008), saberes constituídos e investidos na gestão do uso de si na atividade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007).

3 POSSÍVEIS INTERPRETATIVOS: A ANÁLISE TEÓRICO-ERGO-DISCURSIVA EM EDITORIAIS

Conforme descrito nos procedimentos metodológicos, efetiva-se a análise teórico-ergo-discursiva em editoriais do jornal da empresa *Hera*. Inicia-se a contextualização a partir da exposição do enquadramento da situação de comunicação e das circunstâncias que cerceiam o discurso (CHARAUDEAU, 2010). Nesse caso, em se tratar de um jornal, pode-se afirmar que os parceiros do ato de linguagem são múltiplos e não estão presentes. A posição de sujeito comunicante (EUC) é ocupada pela organização que tem como propósito estabelecer uma hegemonia de saberes e sentidos sem abertura para diálogo com os interlocutores. O que está posto deve ser assimilado e incorporado às práticas cotidianas dos trabalhadores, seja na gestão de suas tarefas ou em seu comportamento no espaço coletivo. O canal é composto por códigos semiológicos, verbal textual, imagético e cor. Estabelece-se uma situação monologal, com enfoque na transmissão de informações.

Acerca das circunstâncias que permeiam o discurso, pode-se apontar que o conteúdo é selecionado perante a duração da informação, visto a publicação quadrimestral do periódico. Supõe-se que a manutenção⁴ do veículo impresso diante de duas hipóteses: 1) em função do volume de funcionários que trabalha na fábrica e não tem acesso ao computador; 2) o uso da mesma ferramenta de divulgação para distribuição a diversos públicos de relacionamento da organização, como clientes ou fornecedores. Salienta-se que em ambos as pressuposições, o interesse do EUC está na difusão de informações, sendo o estabelecimento de interação com os sujeitos nulo. Essas hipóteses estão embasadas em duas premissas: 1) o site da Hera não é atualizado com a frequência da divulgação de suas notícias; 2) os públicos de interesse podem não atribuir importância para buscar essas informações que se intenta enunciar.

A respeito do contrato de comunicação⁵, na categoria identidade, percebe-se que a condição de enunciação oportuniza apenas à organização apresentar seus saberes e orientações, sem abertura para o diálogo ou mesmo a escuta dos demais sujeitos. A construção discursiva dos editoriais compreende dois momentos: da edição 77 a 79 e da edição 80 a 83. No primeiro momento, percebe-se a intenção de expressão de um ponto de vista sem envolver o interlocutor diretamente, visto que os enunciados são fundamentados, principalmente, pelos modos descritivo e enunciativo na função elocutiva (CHARAUDEAU, 2010). Na segunda fase, assumem evidência os modos enunciativo, na função alocutiva, perante a apresentação de prescrições ao ambiente laboral, e argumentativo, pois cada asserção é justificada, a fim de persuadir o interlocutor a seguir as normas postas. Tais

⁴ Na contemporaneidade, por questões relacionadas a custos e/ou relação com o meio ambiente, as organizações têm optado por desenvolver newsletters e enviá-las via e-mail ou publicá-las na web, eliminando grande parte de publicações impressas.

⁵ A categoria dispositivo dialoga com a situação de comunicação perante a caracterização do canal. Diante da restrição de espaço para apresentação dos resultados do estudo, opta-se pela omissão desses dados (Categoria Contrato de Comunicação > Dispositivo) à construção da análise. Tal atitude se justifica pela contribuição restrita que traria para essa análise.

características enunciativas evidenciam o interesse no estabelecimento de uma hegemonia de valores e perspectivas. Como exemplo, o enunciado na edição 81: “[...] é dever da *Hera* contribuir para o crescimento dessa entidade”. Não se abre a possibilidade para o diálogo a respeito de uma ação organizacional, incentivar uma entidade da área de Pesquisa e Desenvolvimento, visto que a *Hera* está em um patamar que a obriga a ter tal atitude social, pois “só assim teremos um país mais próspero e soberano tecnologicamente”. Além de desencorajar o interesse na busca de mais informações sobre a entidade beneficiada (oportunidade de interação), pois não oferece detalhes de como fazê-lo, ou mesmo indica caminhos, a organização se coloca em uma posição autoritária, cujas determinações são inquestionáveis. Objetiva-se informar sobre a ação, sem mais esclarecimentos sobre as possíveis implicações por ela acarretadas, como a inscrição de alguns funcionários à iniciativa, por exemplo, o que implica a dedicação de tempo e redução da possibilidade de aprimoramento à atividade laboral em si.

Quanto a noção de cultura, ressalta-se como movimento social e coletivo, na possibilidade da interação mundializada (ORTIZ, 1998), quando as trocas monetárias são caminho às imbricações culturais, os modos de fazer e de pensar. Os editoriais evidenciam os elementos comerciais de outros espaços que orientam as decisões organizacionais. Os enunciados reforçam a necessidade de adequação aos padrões internacionais de produção e comercialização de produtos, questões que implicam diretamente o fazer laboral dos trabalhadores. Essas afirmações se subsidiam em enunciados como na edição 77: “estamos preparados para o futuro, conquistar novos mercados, ultrapassar barreiras, ser referência mundial”, ou da edição 78 “Ficamos muito felizes por ter reunido na *Hera* mais de 350 profissionais, altamente qualificados, com muita vontade de mostrar que é viável fazer por aqui o que fazem no exterior engarrafar de forma metódica conhecimento em produtos”. A internacionalização é pauta direta ou indireta nos oito editoriais analisados. Ao convergir esse dado aos enunciados exemplificados e à orientação de Antunes (2009) acerca das mudanças no mundo do trabalho, pode-se identificar algumas pistas a respeito das múltiplas adaptações realizadas pelos sujeitos no trabalho. Conforme aponta Sennett (2009), a contemporaneidade exige respostas rápidas, o que motiva uma experiência esvaziada ante as determinações de produção.

As estratégias discursivas adotadas pela *Hera* ancoram-se principalmente na visada de informação e no modo de organização enunciativo elocutivo (CHARAUDEAU, 2010, 2012), cujo intuito é mostrar um modo de fazer, além de propor o engajamento dos trabalhadores para que os objetivos da organização sejam alcançados. Dimensões como “ser referência mundial”, “fazer por aqui o que fazem no exterior”, estar “preparados para o futuro” e “capacidade de competir” são tratadas como atravessamentos dos imperativos contextuais às decisões da organização de expandir a marca globalmente, crescer mundialmente. Supõem-se algumas implicações ao trabalhador na atividade: conhecer o mercado de atuação da *Hera*, saber como se faz no exterior e adaptar as práticas de lá para cá (aspecto desterritorializante, conforme Hall, 2003), ser competitivo. As adequações comportamentais recomendadas pela organização manifestam a imbricação da cultura, daquilo que é externo à organização, à cultura organizacional. Seguir as recomendações implica também transformar o contexto que é vivenciado pelo sujeito junto a seus colegas e familiares.

A avaliação das estratégias discursivas utilizadas nos editoriais do jornal evidencia a tensão entre fazer-saber e fazer-sentir: “[...] seu jogo consiste em navegar entre esses dois polos ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos” (CHARAUDEAU, 2012, p.93). Assim, mesmo que seja preponderante o uso das visadas de informação e de prescrição à composição dos discursos dos editoriais, diante dos elementos ideológicos (MORGAN, 2011) e dos mecanismos de conduta (GEERTZ, 2008), a visada de captação tem, também,

destaque. Exemplifica-se tal afirmação com base em enunciados das edições 77 “graças ao trabalho de muitas pessoas que dedicaram entusiasmo, coragem e disposição”, 82 “Isso significa dizer que fazemos, orgulhosamente, parte de um terço desta história de seis décadas”, e 83 “Não é bom saber que ajudamos na diversão de um dos parques temáticos mais modernos da América do Sul?”. Combinado à predominância das ações determinadas pelas visadas, fazer-saber > dever-saber/ dever-fazer, das informações e prescrições referentes à finalidade do ato comunicativo, outros aspectos do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2004; 2012) contribuem à percepção da cultura organizacional.

A situação de comunicação em associação à proposta dos elementos ideológicos de Morgan (2011) sugere que a cultura organizacional da *Hera* intenta uma ideologia *unicista*. Por meio de uma hierarquia verticalizada, atribui-se à gestão a determinação dos interesses coletivos que são tratados como comuns a todos os sujeitos. A impossibilidade de diálogo em relação às decisões organizacionais, cuja intenção seria perceber como os trabalhadores as compreendem, elimina o embate de ideias, o que distancia, na ótica da organização, os conflitos. Ancora-se esse olhar em alguns enunciados, como na edição 78: “Hoje é necessário *colocar nossa inteligência* dentro da máquina e a máquina dentro da indústria”, ou na edição 81: “Para *nossa empresa*, o Bovespa *Mais representa a melhor maneira* de entrarmos neste segmento de negócios, pois nos possibilita uma *tranquila adaptação* às exigências do mercado de ações” (grifo nosso).

Conforme Geertz (2008), a cultura pode ser representada por teias de significados em constante tensão e permanente transformação. As teias se referem a conjuntos de mecanismos que orientam a conduta daqueles que são por elas envolvidas. Com base nessas ideias, pode-se afirmar que o elevado volume de prescrições apresentadas nos editoriais do jornal da empresa *Hera* é uma parte da composição das teias de significados da cultura organizacional, cujo propósito principal tende a ser a homogeneização dos valores e perspectivas que permeiam a atividade e o ambiente laboral. Esse objetivo é delineado pela gestão da organização perante a difusão de orientações comportamentais. Do editorial 2, Edição 79, advém alguns exemplos:

“Por outro lado, nós mesmos *devemos nos comportar* de forma a demonstrar nosso estado de espírito mais importante: estar de bem com a vida! *Qualquer que seja o momento*. Mesmo no instante de maior crise, maior perigo... Mesmo na hora de grandes sacrifícios” [...] “as lideranças destes levem em conta que para atingirmos isto a atitude de *estar de bem com a vida, que significa* o sorriso fácil, o elogio frequente, o alerta jocoso e um espírito otimista, esteja sempre presente no ambiente de trabalho” (grifo nosso).

Desse exemplo, ficam evidentes os parâmetros para avaliação dos trabalhadores no exercício da atividade, visto que “estar de bem com a vida” recebe uma explicação detalhada acerca do comportamento esperado. Embora se trate de uma conduta que tenha interferências da personalidade de cada sujeito, intenta-se subjugar essa subjetividade em prol dos interesses da organização. Espera-se que a norma seja acatada plenamente e não se abre a possibilidade de avaliação das condições do ambiente para o exercício da atividade. As prescrições são postas e justificadas, a fim de evitar questionamentos e impor o contexto que cerceia o trabalho, sem reconhecer o cotidiano e as práticas que são transformadas diante dos eventos inesperados (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), que fazem parte desse cenário.

A primeira consideração que se pode fazer sobre os saberes constituídos e investidos, reporta-se ao acesso dos jornais pelos trabalhadores, o que ocorre apenas diante de seu interesse. Embora outras formas de interação, como eventos, por exemplo, possam ser efetivadas para a difusão de informações, a distribuição do jornal, visto o interesse de propagação de saberes constituídos, garantiria a atualização do contexto em que a organização

está inserida, além de oportunizar ao sujeito a leitura sempre que julgar adequado para compreender o que a organização dele espera e o que ele pode dela esperar. Os editoriais expressam essencialmente saberes ligados às normatizações de conduta: “Isso exigiu dois esforços básicos: dominar as tecnologias de informática, hardware e software e dominar as tecnologias de gestão” (Editorial 1, Edição 79) e à propagação de informações sobre produtos e serviços: “Com esse objetivo, consolidamos nossa parceria comercial com a empresa “X”, da Suécia, [...] Ela também se torna acionista minoritária da *Hera*”. (Edição 80); “Esta edição do I&A traz mais uma matéria sobre inovações dentro da Série ABC, além de um artigo sobre a operação e configuração da Série HX” (Edição 82).

Apesar de centrar-se na norma, alguns enunciados manifestam a ciência da empresa quanto à capacidade transgressora dos trabalhadores e reconhece-se que as renormalizações produzidas trazem bons resultados à organização. Isso pode ser percebido na Edição 80: “*criação* de soluções inovadoras com tecnologia de ponta”; na Edição 81: “e as atualizações da Série ABC, que continua a ser *estudada e renovada* em nosso processo de Pesquisa & Desenvolvimento” e na Edição 83: “para *criar* produtos que *surpreendam*” (grifo nosso). Percebe-se que os enunciados exaltam os produtos e que o sujeito é ocultado da ação. Porém, a qualidade enunciada implica a atividade dos trabalhadores que fazem uso de si por si (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), investem seus saberes e suas competências na criação, na inovação e na renovação dos produtos, por exemplo. Estes apontamentos que relacionam cultura e cultura organizacional demonstram a perspectiva adotada pela *Hera* quanto às competências dos trabalhadores. As regras de conduta definem quais competências são bem vistas no ambiente laboral e incitam os sujeitos a adequarem-se aos padrões determinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do artigo foi norteadada pela possibilidade de perceber como se dá a imbricação das manifestações da cultura à cultura organizacional mediante o ato de linguagem em editoriais de jornal de empresa. Para tanto, teve-se como princípio a inclusão de noções interdisciplinares à compreensão do *corpus* e se buscou estabelecer um olhar crítico à realidade analisada. A heterogeneidade da classe trabalhadora somada a pluralidade de escolhas oportunizadas pelo contexto mundializado, exige uma postura que ressignifique o processo laboral, objetivado na relação produção/consumo, e compreenda os aspectos simbólicos impelidos à sujeição dos indivíduos. As organizações têm como desafio incorporar às suas práticas os processos simbólicos produzidos nas interações do ambiente organizacional, transgredindo o ponto de vista mecânico de emissão e recepção para outro que inclua o interlocutor no processo de comunicação e de construção de sentidos. A conexão entre práticas sociais e laborais efetivada através da atividade dos sujeitos propicia esse diálogo. Enfatizar esse ponto se mostra como uma das principais contribuições do estudo.

Tal afirmação emerge da concretização do objetivo do estudo: analisar a imbricação da cultura à cultura organizacional mediante o ato de linguagem manifesto em editoriais de jornal da empresa *Hera*. A promoção da homogeneização de valores, de práticas e de saberes é a mais proeminente das intencionalidades inscritas nos enunciados analisados. A organização tem de se adequar aos modelos sustentados pelo mercado do qual faz parte. O mesmo se pede aos trabalhadores. Diante disso, fecham-se oportunidades de diálogo e se institui um panorama funcional da comunicação, reduzindo as trocas languageiras à transmissão de informações. O trabalhador é anulado da constituição da organização, sendo mais um dos “passivos” a ser gerido. Se há implicação de saberes investidos perante a experiências dos sujeitos, isso não merece destaque, pois a relevância está no resultado, no produto ou serviço diferenciado posto à oferta no mercado. A cultura, nesse caso, torna-se

uma instituição fixa e determinada por elementos prescritivos. Às lideranças é atribuída a função de disseminar informações. Aos trabalhadores de assimilá-las e, como “robôs”, reproduzi-las.

Porém, se o trabalho passa a ser compreendido como gestão que o sujeito é capaz de realizar diante de saberes constituídos e investidos, no qual as normas estão em constante ajuste, dadas as renormalizações provenientes do uso de si por si, será que os trabalhadores ainda mantêm interesse em organizações que neutralizam sua ação? Será que a troca por rendimentos financeiros⁶, que negligencia a participação do sujeito na construção da cultura, é ainda eficaz para atração/motivação de profissionais qualificados? Seriam capazes de inovar e criar, os trabalhadores “passivos”, cujo fazer media o processo de produção/consumo? Reconhecer as capacidades criativa e criadora dos sujeitos por meio dos produtos delas resultantes, relaciona-se de que forma às expectativas materiais e imateriais que os trabalhadores têm na contemporaneidade? Questões como essas ainda não têm respostas e, diante do caso avaliado, não é possível perceber interesse organizacional em encontrá-las. De todo modo, está aí um desafio para os pesquisadores: repensar o trabalho. Para tanto, é preciso repensar as relações estabelecidas entre os sujeitos. Estudar as práticas linguageiras nas organizações aponta um caminho profícuo para essa provocação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed., São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2.ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2.ed. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora**., p. 25-50, Editoria UFMG, 2003.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. 15.reimp. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 3.reimp., São Paulo, SP: Brasiliense S.A., 1998.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói, RJ: EdUFF (Universidade Federal Fluminense), 2007.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14.ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2009.

⁶ Inclui-se nesse termo “rendimentos financeiros”: salário, benefícios como plano de saúde, vale-alimentação, etc., e outros pagamentos que possam estar, ou não, incluídos em legislação.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/w9q43> >. Acesso em: 12 ago. 2014.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 31 de julho de 2015.